








Processo de luto na vida do casal e a infidelidade

Ana Beatriz Pedriali Guimarães^{1,*} , Désirée Pereira Jorge Bettega¹ , Giovanna Beatriz Kalva Medina¹ ,
Ronit Mazer Sauerma¹ , Zenilda Barbosa Castelo Branco¹ 

1. Associação Paranaense de Terapia Familiar – Almirante Tamandaré (PR), Brasil.

Editora de seção: Eliane Pelles 

*Autora correspondente: pedrialiguimaraes@yahoo.com.br

Recebido: 01 Fev. 2024 Aceito: 30 Abr. 2024

RESUMO

A presente pesquisa explora a relação entre infidelidade conjugal e luto disfuncional em casais e destaca a falta de literatura sobre o tema, propondo duas hipóteses. A primeira sugere que a insatisfação conjugal anteriormente ao luto intensifica o distanciamento e compromete a comunicação, abrindo espaço para a infidelidade. A segunda hipótese considera o luto como um fator estressor que desorganiza o sistema, testa a comunicação do casal e gera insatisfação, propiciando situações de infidelidade. A pesquisa enfatiza a importância da comunicação funcional na elaboração do luto e conclui que o luto disfuncional pode contribuir para o surgimento de problemas relacionais, incluindo a infidelidade.

Palavras-chave: Luto; Infidelidade; Perdas; Comunicação Conjugal.

Grief process in the couple's life and infidelity

ABSTRACT

This research explores the relationship between marital infidelity and dysfunctional grief in couples and highlights the lack of literature on the subject proposing two hypotheses. The first one suggests that pre-existing marital dissatisfaction intensifies distancing and compromises communication, creating opportunities for infidelity. The second hypothesis considers grief as a stressor that disrupts the system, tests the couple's communication, and generates dissatisfaction, fostering situations of infidelity. The research emphasizes the importance of functional communication in the grieving process and concludes that dysfunctional grief can contribute to the emergence of relational problems, including infidelity.

Keywords: Bereavement; Infidelity; Losses; Marital Communication.

Proceso de duelo en la vida de pareja e infidelidad

Resumen

Esta investigación explora la relación entre la infidelidad conyugal y el duelo disfuncional en parejas y destaca la falta de literatura sobre el tema proponiendo dos hipótesis. La primera sugiere que la insatisfacción conyugal previa al duelo intensifica el distanciamiento y compromete la comunicación, abriendo espacio para la infidelidad. La segunda hipótesis considera el duelo como un factor estresante que desorganiza el sistema, pone a prueba la comunicación de la pareja y genera insatisfacción, propiciando situaciones de infidelidad. La investigación enfatiza la importancia de la comunicación funcional en el proceso de duelo y concluye que el duelo disfuncional puede contribuir al surgimiento de problemas relacionales, incluida la infidelidad.

Palabras clave: Duelo; Infidelidad; Pérdidas; Comunicación Matrimonial.

INTRODUÇÃO

Muitas vezes, o impacto da morte em um sistema não aparece diretamente relacionado às reações de tristeza ou luto da perda em si. Em vez disso, opera de forma camuflada, e a família não associa eventos familiares disfuncionais ao movimento de luto. Por mais aversivos que sejam o enfrentamento da morte e a tristeza, sua força acaba encontrando uma forma de expressão. Essa tristeza não reconhecida e não elaborada se transforma em reações fortes e nocivas em outros relacionamentos, como distanciamento, dissolução conjugal e relações extraconjugais (Walsh, 2005).

É possível a infidelidade se manifestar como uma estratégia de sobrevivência em uma situação de perda familiar? A complexidade das relações afetivas, assim como o impacto das crises previsíveis, como mudanças no ciclo vital, e imprevisíveis, como perdas, mortes de filhos, entre outras, é superada ou não, de acordo com os recursos prévios do casal. Há casos em que ambos vivenciam a dor da perda, e estar disponível emocionalmente para o parceiro nem sempre é possível, criando um distanciamento que abre espaço para sentimentos de isolamento e solidão que podem impulsionar a busca de conforto fora da relação.

Walsh (2005) propõe melhor entendimento dos processos familiares diante da perda alicerçado na perspectiva sistêmica. Os legados de uma perda podem ser expressos nos padrões de interação, influenciando mutuamente os sobreviventes.

Por isso, ao avaliar um casal que traz o tema da infidelidade, é importante levantar as mortes e perdas ocorridas no sistema, mesmo que de outras gerações, para compreender o significado e o contexto do sintoma atual. Uma perda modifica a estrutura familiar e implica múltiplas perdas: a perda da pessoa, a perda de papéis e relacionamentos, a perda da unidade familiar e a perda de esperança e sonhos (Bowen, 1991; Walsh & McGoldrick, 1998). Da mesma forma, o terapeuta que recebe um casal enfrentando o luto por perda de um familiar deve estar atento à comunicação e disponibilidade emocional de ambos, a fim de prevenir um possível cenário para a infidelidade. Ampliar a visão do terapeuta para que esteja atento às perdas e elaborações de luto do sistema pode ser de grande valia no trabalho com casais que buscam ajuda.

Sendo assim, o presente artigo teve como principal objetivo relacionar o fenômeno da infidelidade conjugal a processos de luto disfuncional em casais. A literatura que aborda tais temas é bastante restrita, por isso a necessidade de, por meio do estudo dos dois temas separadamente, buscar pontos convergentes e hipóteses explicativas para a relação entre eles.

Além da necessidade de mais literatura científica que busque o entendimento da relação entre luto e infidelidade, este artigo pretende servir de ferramenta para terapeutas de casais que deparam com o tema da infidelidade conjugal e do luto. Com isso, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica nas bases de dados Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), Medline e PubMed de artigos publicados no período de 2017 a 2022 utilizando as seguintes palavras-chave, em português e inglês: luto (*grieve, bereavement*), conjugalidade (*couple relationship*), casal (*couple*), perda gestacional e infidelidade (*infidelity*). Além de artigos, foram considerados livros e teses sem data definida.

DISCUSSÃO

A relação entre luto disfuncional e infidelidade não é trazida de forma explícita pelos clientes em consultório nem na literatura. Para poder investigar a relação entre esses temas, faz-se necessário explorar a fundo a história das perdas e possíveis lutos disfuncionais e sua repercussão na comunicação conjugal e na infidelidade. A seguir, é apresentada uma breve revisão da literatura sobre os temas a fim de relacioná-los.

Luto disfuncional

Os rituais de luto sofrem influência da cultura e da sociedade. Algumas culturas incluem o tema da morte na sua rotina, não enxergando-o como tabu, enquanto outras negam ou minimizam os rituais de luto. A sociedade contemporânea, tecnológica e moderna, cada vez mais se distancia desse processo, tornando mais difícil a sua adaptação (Walsh, 2005).

O processo de elaboração do luto após a perda de uma pessoa querida, embora possa ser extremamente doloroso, é natural e necessário. A morte afeta todos os membros da família, sendo necessário a cada um deles manejar a perda da pessoa e do papel que ela cumpria no sistema familiar (Carter & McGoldrick, 1995). Luto agudo ou funcional é, portanto, uma reação normal e esperada à perda e melhora com o tempo. O processo de luto tem um tempo médio de elaboração de dois anos e varia de pessoa para pessoa. Como um membro da família vai reagir a uma perda terá consequências entre os outros membros e nos relacionamentos que só podem ser avaliadas olhando para o sistema como um todo, e os seus efeitos

podem ser imediatos ou de longo prazo. Entre as tarefas que devem ser desenvolvidas na elaboração de um luto, estão o reconhecimento da realidade da perda, o compartilhamento e a contextualização dessa experiência, a reorganização do sistema familiar e o reinvestimento em novos relacionamentos e projetos de vida (McGoldrick & Walsh, 1998 *apud* Coelho, 2012, p. 169; Paris et al., 2016).

O chamado luto disfuncional, no entanto, é prolongado. Interfere nas atividades normais, é acompanhado de pensamentos e comportamentos autodestrutivos, gerando sofrimento intenso, persistente, angustiante e incapacitante. Demonstra-se como uma dificuldade de rompimento de uma relação que foi significativa ao longo da vida. O luto disfuncional aparece quando o tempo de elaboração se estende indefinidamente ou os comportamentos relacionados à perda não caminham para uma reorganização (Coelho, 2012; Paris et al., 2016).

Entre os estudos analisados, a ausência de filhos e a vivência de múltiplas perdas se apresentaram como aspectos que tendem a gerar repercussões negativas na conjugalidade e na vivência do luto familiar (Kagami et al., 2012; Kiełek-Rataj et al., 2020; Price, 2008; Sugiura-Ogasawara et al., 2013). A literatura sugere que quando há preparação prévia para a morte de um membro da família, por meio de discussão honesta e aberta sobre o prognóstico, há menor incidência de luto disfuncional após a morte. Esse fator é considerado como protetivo e uma intervenção que pode reduzir o luto disfuncional após a morte (Mason et al., 2020).

Aproximadamente 10 a 15% das pessoas que experienciam a morte de um ente querido vai desenvolver luto disfuncional, resultando em dezenas de milhões de pessoas em todo o mundo afetadas, conforme citado por Mason et al. (2020). O estudo de Paris et al. (2016) que avaliou mulheres brasileiras e canadenses que vivenciaram óbito fetal demonstrou que a insatisfação conjugal esteve associada a maiores índices de luto disfuncional. Já Morelli e Scorsolini-Comin (2016), que entrevistaram cinco casais que haviam perdido um filho por diferentes razões (acidente automobilístico, adoecimento e aborto espontâneo), identificaram que a morte do filho despertou tanto a rejeição do parceiro quanto maior intimidade. Notou-se maior adaptação nos casais que se ajudaram mutuamente, o que enfatiza a conjugalidade como um recurso importante no enfrentamento da morte.

Impacto do luto na conjugalidade

McGoldrick e Walsh (1998) relatam que a perda de um filho pode ser devastadora para o casal, deixando a relação vulnerável e com risco de maior deterioração da satisfação conjugal ao longo do tempo. A culpa é um dos sentimentos externados pelos pais, principalmente entre as mães, que podem se sentir negligentes no seu papel de cuidadoras. O trauma do sofrimento de uma perda e o luto não reconhecido em um sistema conjugal podem impactar na elaboração de forma funcional, e os casais podem sofrer redução na satisfação sexual, evitação de intimidade sexual, diminuição do desejo (Franché, 2001; Serrano & Lima, 2006), aumento da distância emocional (Hutti et al., 2015) e maior risco de separação (Shreffler et al., 2012).

Perdas de filhos, em qualquer momento do seu processo, desde a gestação até a vida adulta, são eventos que abalam a estrutura conjugal. Hiefner (2020) afirma que de 15 a 20% das gestações terminam em perdas gestacionais, e muitos casais vão experimentar essa perda, alguns até mais de uma vez.

As diferenças entre homens e mulheres na reação ao luto podem aumentar a tensão conjugal mesmo em casais que possuíam uma relação estável anteriormente. Após a morte de um filho, os homens mantêm-se mais internamente enlutados e usam estratégias de evitação, podendo refugiar-se no trabalho, recorrer ao álcool ou a um caso extraconjugal. Sentem-se desconfortáveis com a expressão de tristeza das mulheres, podem temer o descontrole dos próprios sentimentos e ficarem bravos com suas esposas. Por outro lado, as mulheres tendem a expressar o luto mais abertamente, buscando suporte social, podendo ressentir-se da indisponibilidade emocional dos seus parceiros e, com isso, experimentar uma dupla perda, aquela vivida pelo luto e a perda do parceiro, que se distanciou (Walsh & McGoldrick, 1998).

Corroborando com a literatura sobre o luto na relação conjugal, Côté-Arsenault e Denney-Koelsch (2018) relatam que pais que experimentam perdas perinatais¹ têm maiores índices de divórcio do que aqueles que não passaram por esse luto.

Existem dois prováveis cenários entre casais que passam por essa perda. No primeiro deles as mulheres possuem parceiros pouco vinculados ao bebê e que não dão tanto apoio a elas no luto. Essas mulheres tendem a expressar mais o sofrimento, e ver o parceiro não expressá-lo da mesma forma gera frustração. Relatam ainda a vivência do chamado luto não reconhecido, que é o luto não legitimado socialmente, ao serem pressionadas a rapidamente retomarem suas vidas após a perda, apresentando maior dificuldade nas estratégias de enfrentamento e sentindo-se sozinhas e isoladas.

¹Considera-se perda perinatal a perda ocorrida em qualquer momento ao longo da gestação, durante o parto ou até o primeiro mês de vida da criança (puerpério) (Laurenti, 1984).

Em contrapartida, no segundo cenário, os casais expressam sua dor um para o outro, acolhem e dão apoio mútuo e compartilham decisões, desenvolvendo maior proximidade e intimidade com a experiência. Essa diferença na forma como homens e mulheres expressam o luto mostra o quanto estavam vinculados com o bebê. O vínculo pré-natal ocorre antes e de forma mais forte nas mulheres do que nos homens, em função das mudanças fisiológicas experimentadas por elas (Casellato, 2015; Côté-Arsenault & Denney-Koelsch, 2018).

Ainda no contexto da perda perinatal, Silva (2009) salienta que, de forma generalizada, cabe às mulheres serem portadoras da dor emocional, carregarem a dor do homem, que não pode expressá-la e expor tudo isso intensamente. Do homem, é exigido um papel de figura de apoio e ajuda, calma, além de cuidar dos filhos e assumir as tarefas práticas do ritual de funeral. Com isso, sem perceberem, não vivem ativamente o seu próprio luto (Bilardi et al., 2018). Nesses casos, isso pode causar sensação de isolamento e evitação por parte de ambos; um pode revoltar-se com o outro, não reconhecendo o estilo de sofrimento de cada um e exigindo do outro enfrentamentos que não estão aptos a realizar (Côté-Arsenault & Denney-Koelsch, 2018; Gerber-Epstein et al., 2009). Os homens podem voltar-se ao trabalho para não terem de lidar com o sofrimento das esposas, e surge aí o mito de que sentem menos a perda de um filho.

É fundamental abrir espaço para a comunicação sobre a perda para que se possa descobrir o quanto todos sofrem, cada um à sua maneira, e o quanto se preocupam uns com os outros. Esse recurso cria oportunidades importantes para que a diáde lide de forma saudável com a sua dor. Embora a experiência da perda gestacional seja diferente entre os gêneros (Doka & Martin, 2011), a literatura tem focado mais nas reações e estratégias de enfrentamento das mulheres, em detrimento dos homens.

Finns et al. (2017) avaliam tanto o fenômeno da separação após a perda de um filho no período perinatal quanto o fenômeno de o casal ficar mais forte após esse evento, aumentando a coesão e a qualidade da relação e diminuindo a probabilidade de uma separação. Os autores relatam que, quando há relação entre a perda de um filho e o desejo de engravidar novamente, a probabilidade de separação se atenua.

Para Walsh (1995), quando existe a perda de um filho, a abordagem conjugal é essencial para a construção da resiliência conjugal e o aprofundamento dos vínculos. Tanto homens quanto mulheres devem compartilhar a experiência do luto, desenvolvendo empatia e apoio a fim de se recuperarem juntos da perda.

A perda compartilhada, na qual há comprometimento, conexão, acessibilidade e responsividade, aumenta a proximidade e fortalece a relação após uma perda. Outras estratégias de enfrentamento do casal são a priorização do tempo juntos, apoio mútuo, espiritualidade e a convivência com outras pessoas para além da relação conjugal (familiares e amigos) (Côté-Arsenault & Denney-Koelsch, 2018; Hiefner, 2020).

Comunicação conjugal no processo de luto

Quando se estudam questões que envolvem as relações humanas, há a necessidade de prestar atenção na comunicação e nos seus processos. Quando há interação, ou seja, uma mensagem emitida e recebida, há comunicação (Watzlawick et al., 2005). No relacionamento conjugal, os adultos utilizam a comunicação de acordo com o repertório construído ao longo da vida, influenciado pelas características individuais, como personalidade e genética, perpassando pelos tabus de gênero inerentes à cultura, pela educação formal e pelas heranças familiares recebidas por cada um.

Ao expressar-se na relação, o casal estabelece um contrato conjugal, com regras de convivência implícitas e explícitas, que expressam acordos e desacordos sobre: sexo, fidelidade, dinheiro, tarefas domésticas, relacionamento com a família de origem e amigos e funções parentais, quando há filhos. Quando a comunicação é funcional, há espaço para a expressão dos pensamentos e sentimentos, sem medo e sem culpa, sem comparações ou disputas, pois há um senso de igualdade e colaboração em prol de um objetivo comum, que é o bem-estar dos dois na relação (Costa & Mosmann, 2020). Sabe-se que grande parte dos casais tem dificuldade na comunicação, como foi constatado no estudo de Bereza et al. (2005), que identificou que 60% dos entrevistados disseram ter dificuldades de se comunicar com clareza com o parceiro.

A comunicação expressa muito mais do que o conteúdo das palavras quer dizer. Quando o padrão de interação (comunicação) é disfuncional, as palavras podem esconder ressentimentos e insatisfações que constroem barreiras que distanciam os parceiros se não são devidamente colocados.

Walsh e McGoldrick (1998) relatam que o reconhecimento de uma perda é facilitado pela comunicação aberta e clara do sistema sobre os fatos e circunstâncias da morte. Uma pessoa da família que se sinta incapaz de aceitar a realidade da morte pode evitar o contato com os outros ou ter raiva daqueles que estão progredindo no processo de luto. O clima de confiança, empatia e tolerância às diversas reações emocionais é fundamental para o processo de luto. Algumas pessoas podem também não conseguir expressar seus pensamentos relacionados a uma perda por sentirem medo de que eles perturbem a família como um todo.

Em famílias nas quais alguns sentimentos e lembranças são proibidos por lealdades familiares ou tabus sociais, o bloqueio da comunicação pode contribuir com o surgimento de sintomas, ou os sentimentos podem ficar ocultos e aparecerem em outros contextos, desconectados da sua origem (Walsh & McGoldrick, 1998).

Hooghe et al. (2018) relatam que falar sobre a experiência de luto é amplamente recomendado entre casais que sofreram a perda de um filho, no entanto os padrões de comunicação variam muito entre tais casais. Os autores constatarem que tanto o falar quanto o não falar são importantes para o processo de luto, que é considerado um fenômeno que não exclui a comunicação verbal, e sim que vai além dela, incluindo pensamentos, emoções e comportamentos. O não falar tem ainda a função da busca por uma distância suportável de sua própria dor e da dor do parceiro, que se sintonizam em seu contexto relacional.

A pesquisa de Dyregrov e Dyregrov (2017) demonstrou que, para alguns casais, a perda de um filho trouxe o sentimento de que puderam conhecer um ao outro em um nível mais profundo, tornando a relação especial. A importância de comunicar pensamentos e sentimentos foi enfatizada por esses casais. Mulheres iniciaram as conversas com maior frequência e evidenciaram a maior necessidade de falar. A deterioração do relacionamento foi vinculada à falta de compreensão, comunicação e cuidado. Comunicação, respeito e compreensão foram evidenciados como fatores centrais nas relações percebidas como positivas.

Um estudo recente sobre a importância da validação mútua pela comunicação na elaboração do luto mostra que, nas mulheres, a maior satisfação conjugal está relacionada com a percepção de que há abertura para a comunicação em seus parceiros. Já entre os homens, a percepção da confirmação da esposa sobre sua perspectiva da perda impacta positivamente o bem-estar individual e conjugal (Vescovi et al., 2022).

Conclui-se que a comunicação é um fator facilitador do processo de luto e que, em casais nos quais ela é falha, o luto pode ser vivenciado de forma disfuncional, levando a afastamento conjugal, conflitos, solidão, infidelidade e outros sintomas relacionados.

Infidelidade e suas motivações

Quando se utiliza o termo infidelidade, há que se refletir sobre o que se quer dizer com fidelidade. A fidelidade, um conceito amplo e polêmico, está atrelada à cultura, ao período histórico e ao contexto a que se aplica. Quando duas pessoas começam um relacionamento, de qualquer tipo, vão estabelecendo-se regras comunicacionais e de interação, de forma implícita e explícita, que ditam como as duas pessoas vão desenvolver a relação. Isso chamamos de contrato relacional. Na cultura ocidental, de maneira generalizada, o contrato relacional entre um par afetivo envolve um senso comum de exclusividade e monogamia. Muitos casais, além de acatarem a regra social, também deixam explícito nesse contrato o que é permitido ou não, e infidelidade é a quebra desse contrato (Perel, 2018; Prado, 2016).

Segundo Santos e Cerqueira-Santos (2016, p. 86), a infidelidade conjugal pode ser definida como uma “violação da exclusividade sexual esperada, implícita ou expressa” em um relacionamento, que “incluía não somente as práticas de cunho sexual, mas de envolvimento afetivo e de conexões emocionais” sem o consentimento do parceiro, fazendo esforços para manter o segredo do ato praticado.

Scheeren e Vargas (2019) realizaram um estudo com o intuito de apresentar características que permitam prever a infidelidade conjugal. Corroborando a literatura, o estudo mostrou que o nível de insatisfação com o casamento é o maior preditor para a infidelidade, que pessoas que consideram a possibilidade de se separar do par afetivo, ou que já haviam enfrentado uma crise e dado um tempo na relação, tiveram quatro vezes mais risco de ser infiéis. As autoras apontam que envolver-se em um ato de infidelidade denuncia a crise vivida pelo casal, podendo acelerar o seu enfrentamento.

Scheeren e Vargas (2019) também afirmam que, diante da crise, os homens podem recorrer mais à infidelidade, enquanto as mulheres consideram o rompimento da relação como uma tentativa de solução da crise. O contexto do trabalho também é um preditor para a infidelidade, por ser um dos ambientes em que se passa maior tempo, muitas vezes convivendo com colegas mais do que com o próprio cônjuge, aliado à insatisfação conjugal, a viagens a trabalho, almoços em que se compartilham assuntos pessoais, entre outros aspectos.

Quando se fala em infidelidade, o mais comum é relacioná-la ao envolvimento sexual com uma terceira pessoa, no entanto há uma diversidade de comportamentos sexuais e não sexuais que podem também ser considerados infidelidade (Viegas & Moreira, 2013). De acordo com Gottman e Silver (2014), a indisponibilidade emocional e a decepção são fatores que, quando estão presentes na relação, aumentam os riscos para a quebra de contrato conjugal.

A indisponibilidade emocional dá-se quando um dos cônjuges se encontra fragilizado, necessitando de apoio, e, ao buscar o seu par afetivo, não encontra esse suporte. Quando esses episódios se repetem, pode surgir um sentimento de solidão, o que alimenta a crença de que o outro não é confiável para lidar com questões emocionais, e conseqüentemente isso pode motivar a busca desse apoio emocional em outras relações (Gottman & Silver, 2014). Em uma situação de luto de

um filho, que envolve uma perda mútua, em que ambos estão fragilizados e precisando de apoio, ante a indisponibilidade do parceiro, os membros do casal podem buscar esse auxílio externamente.

Gottman e Silver (2014) descrevem que a decepção se dá quando há insatisfação no relacionamento conjugal, porém o casal não enfrenta os problemas relacionais nem dialoga sobre suas necessidades por medo de que isso possa gerar conflitos desagradáveis. A evitação e a falta de assertividade contribuem para uma comunicação disfuncional. Ou seja, o indivíduo reprime seus desejos para manter a estabilidade da relação, tendo como efeito colateral o aumento da distância entre os parceiros. A decepção surge da frustração pela relação projetada no outro somada à comunicação disfuncional.

De acordo com a visão sistêmica (Carter & McGoldrick, 1995), todos os relacionamentos estão expostos a estressores previsíveis e imprevisíveis. Diante de mudanças importantes como o nascimento ou perda de um filho, a morte de pessoas queridas, doenças graves ou incapacitantes na família, desemprego, falência e demais eventos marcantes que mobilizem impacto emocional, a relação conjugal será afetada e deixará os dois vulneráveis. Perante isso, cada um vai usar os recursos e crenças que conhece para lidar com o estresse. Nesse momento, o diálogo é fundamental para fortalecer a relação e manter o casal unido para enfrentar a adversidade. Caso isso não aconteça, podem emergir sentimentos de decepção, solidão e falta de confiança. Repetidas experiências de desconexão emocional provenientes de uma comunicação disfuncional criam a ideia de que o outro cônjuge não é confiável para a exposição da vulnerabilidade. Ao mesmo tempo que o silêncio é utilizado como um recurso para evitar maiores conflitos, ele também é usado como proteção contra o medo de se ferir ainda mais (Gottman & Silver, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na infidelidade como estratégia de enfrentamento do luto predispõe uma quebra de paradigmas, principalmente por se esperar que em situações de perda são mais comuns comportamentos que expressam tristeza, raiva, negação ou outros (Morelli et al., 2013). O ato de infidelidade vinculado a um luto não elaborado é uma hipótese incomum, porém não pode ser desconsiderado, sobretudo pelos psicoterapeutas que atendem casos com essa demanda.

A maneira como o luto é vivenciado pelo casal dependerá de diversos fatores, como: recursos familiares intergeracionais, comunicação conjugal, compreensão sobre a morte, orientação religiosa, entre outros (Dyregrov & Dyregrov, 2017; Hooghe et al., 2018; Walsh, 1995).

A primeira hipótese da relação entre luto e infidelidade é a de que o casal já vem de uma insatisfação conjugal anteriormente ao luto. Assim, a perda intensifica o distanciamento e a dificuldade na comunicação, abrindo espaço para a infidelidade, como ilustra a Fig. 1.

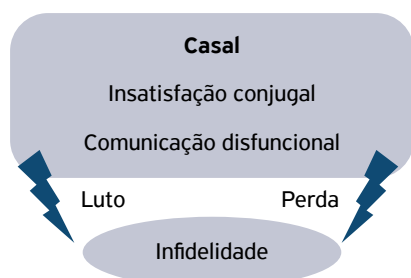


Figura 1. Insatisfação conjugal e comunicação.

Quando existe insatisfação conjugal, provavelmente a comunicação está comprometida. Ao adicionar nessa receita um contexto de luto, o espaço para compartilhar as mágoas e o apoio ficam ainda mais prejudicados, e a insatisfação conjugal só tende a aumentar. Em estudo de revisão sistemática de literatura realizado por Delalibera et al. (2015), os autores apontam que famílias funcionais têm maior resiliência para o enfrentamento das dificuldades, se mostram unidos para buscar soluções, com espaço para a expressão de sentimentos, pensamentos e opiniões diferentes e, em função disso, tendem a vivenciar o luto de forma menos intensa e mais organizada.

A segunda hipótese que o presente estudo permite levantar é a de que o luto pode ser considerado um fator estressor para o relacionamento, desorganizando o sistema, pondo à prova a comunicação do casal, gerando a insatisfação conjugal e dando abertura para situações de infidelidade, mesmo em relações que se mostravam funcionais anteriormente à perda, como pode ser observado na Fig. 2.

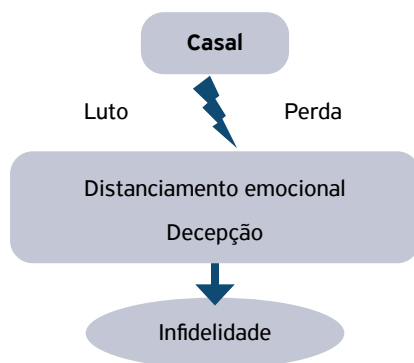


Figura 2. Impacto da perda no relacionamento conjugal

Um estudo realizado por Morelli et al. (2013) também apoia a hipótese do impacto da perda no relacionamento conjugal quando relata uma entrevista feita com um casal três anos após a perda de um filho. Nessa entrevista, quando os parceiros foram indagados sobre o casamento, a esposa denunciou o distanciamento e a indisponibilidade de falarem sobre a perda no seguinte diálogo: “E o casamento? E o casamento? Fala pra ela do casamento depois do falecimento dele, aí é difícil, né? Aí é difícil, difícil, aí é bastante difícil, mas, né? Não é fácil, difícil, depois disso daí foi” (Morelli et al., 2013, p. 2715).

Os mesmos autores ainda afirmam que o luto precisa ser vivenciado pelo indivíduo e pelo grupo afetado, “visto que haverá uma necessidade de reestruturação e construção de uma nova identidade familiar [...], onde a expressão de sentimentos são indispensáveis [...] visando evitar uma crise no seio familiar” (Morelli et al., 2013, p. 2716).

O luto disfuncional, em ambas as hipóteses, pode facilitar a entrada de um terceiro na relação, no sentido de que rouba a disponibilidade para comunicar e apoiar o outro. Os membros do casal passam a vivenciar a relação com o luto e sua dor individualmente, em vez de buscarem recursos emocionais e comportamentais na relação. Isso pode gerar afastamento e a busca de apoio e satisfação fora da relação (Dyregrov & Dyregrov, 2017).

Um dos pontos a ser ressaltados é a diferença de gênero na vivência do luto. A literatura levantada cita essas diferenças, que podem ser vistas como causadoras de afastamento, colocando o casal em risco para a infidelidade. Quando o casal já vivencia dificuldades na comunicação e no apoio emocional, a perda e o luto somam-se à disfuncionalidade, abrindo ainda mais um caminho para a infidelidade (Bilardi et al., 2018; Côté-Arsenault; Denney-Koelsch, 2018; Franche, 2001; Gerber-Epstein et al., 2009; Serrano & Lima, 2006).

Como o presente estudo é um recorte de um dos sintomas possíveis diante de um cenário de luto, é importante destacar que a infidelidade consiste em um fenômeno complexo e multifatorial, não podendo ser compreendido em sua totalidade pela perspectiva de causalidade linear determinista. Sabe-se que a disfuncionalidade da experiência de luto na relação conjugal pode desencadear outros sintomas, tais como vícios, transtornos psiquiátricos, divórcio etc., e a correlação da infidelidade é mais uma hipótese a ser considerada pelos profissionais nesses casos.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Contribuições científicas e intelectuais substantivas para o estudo: Guimarães ABP, Bettega DPJ, Medina GBK, Sauerman RM, Branco ZBC. **Concepção e desenho:** Guimarães ABP, Bettega DPJ, Medina GBK, Sauerman RM, Branco ZBC. **Análise e interpretação dos dados:** Guimarães ABP, Bettega DPJ, Medina GBK, Sauerman RM, Branco ZBC. **Redação do artigo:** Guimarães ABP, Bettega DPJ, Medina GBK, Sauerman RM, Branco ZBC. **Revisão crítica:** Guimarães ABP, Medina GBK. **Aprovação final:** Guimarães ABP, Medina GBK.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

REFERÊNCIAS

- Bereza, E. A., Martins, J. P., Moresco, L., & Zaroni, S. H. M. S. (2005). A influência da comunicação no relacionamento conjugal. *Arquivo Ciências Saúde Unipar*, 9(1), 31-36.
- Bilardi, S., Calabrò, P. S., Greco, R., & Moraci, N. (2018). Selective removal of heavy metals from landfill leachate by reactive granular filters. *Science of the Total Environment*, 644, 335-341. <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2018.06.353>
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo em el sistema familiar*. Paidós.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.). Artes Médicas.
- Casellato, G. (2015). Luto não-reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In G. Casellato (Ed.). *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido* (p. 15-28). Summus.
- Coelho, R. M. (2012). Família e luto. In C. M. O. Cerveny (Ed.). *Família e... intergeracionalidade, equilíbrio econômico, longevidade, repercussões, intervenções psicossociais, o tempo, filhos cangurus, luto, cultura, terapia familiar, desenvolvimento humano e social, afetividade, negociação* (p. 159-175). Casa do Psicólogo.
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2020). Comunicação conjugal negativa e aberta: modelo interdependente de efeito ator/parceiro no ajustamento conjugal. *Ciências Psicológicas*, 14(2), e-2283. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2283>
- Côté-Arsenault, D., & Denney-Koelsch, E. (2018). "Love Is a Choice": Couple Responses to Continuing Pregnancy With a Lethal Fetal Diagnosis. *Illness, Crisis & Loss*, 26(1), 5-22. <https://doi.org/10.1177/1054137317740798>
- Delalibera, M., Presa, J., Coelho, A., Barbosa, A., & Franco, M. H. P. (2015). Family dynamics during the grieving process: a systematic literature review. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(4), 1119-1134. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015204.09562014>
- Doka, K. J., & Martin, T. L. (2011). *Grieving beyond gender: Understanding the ways men and women mourn*. Routledge.
- Dyregrov, A., & Dyregrov, K. (2017). Parents' perception of their relationship following the loss of a child. *Omega*, 76(1), 35-52. <https://doi.org/10.1177/0030222815590728>
- Finns, F., Rostila, M., & Saarela, J. (2017). Divorce and parity progression following the death of a child: A register-based study from Finland. *Population Studies*, 72(1), 41-51. <https://doi.org/10.1080/00324728.2017.1337918>
- Franché, R. L. (2001). Psychologic and obstetric predictors of couples' grief during pregnancy after miscarriage or perinatal death. *Obstetrics & Gynecology*, 97(4), 597-602. [https://doi.org/10.1016/s0029-7844\(00\)01199-6](https://doi.org/10.1016/s0029-7844(00)01199-6)
- Gerber-Epstein, P., Leichtentritt, R. D., & Benyamini, Y. (2009). The experience of miscarriage in first pregnancy: The women's voices. *Death Studies*, 33(1), 1-29. <https://doi.org/10.1080/07481180802494032>
- Gottman, J., & Silver, N. (2014). *O que faz o amor durar*. Suma.
- Hiefner, A. R. (2020). Dyadic Coping and Couple Resilience After Miscarriage. *Family Relations*, 70(1), 59-76. <https://doi.org/10.1111/fare.12475>
- Hooghe, A., Rosenblatt, P. C., & Rober, P. (2018). "We hardly ever talk about it": emotional responsive attunement in couples after a child's death. *Family Process*, 57(1), 226-240. <https://doi.org/10.1111/famp.12274>
- Hutti, M. H., Armstrong, D. S., Myers, J. A., & Hall, L. A. (2015). Grief intensity, psychological well-being, and the intimate partner relationship in the subsequent pregnancy after a perinatal loss. *Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing*, 44(1), 42-50. <https://doi.org/10.1111/1552-6909.12539>
- Kagami, M., Maruyama, T., Koizumi, T., Miyazaki, K., Nishikawa-Uchida, S., Oda, H., Yoshimura, Y. (2012). Psychological adjustment and psychosocial stress among Japanese couples with a history of recurrent pregnancy loss. *Human Reproduction*, 27(3), 787-794. <https://doi.org/10.1093/humrep/der441>

- Kielek-Rataj, E., Wendołowska, A., Kalus, A., & Czyżowska, D. (2020). Openness and communication effects on relationship satisfaction in women experiencing infertility or miscarriage: a dyadic approach. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(16), 5721. <https://doi.org/10.3390%2Fijerph17165721>
- Laurenti, (1984). Saúde perinatal. *Revista Saúde Pública*, 18(4), 267-268. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101984000400001>
- Mason, T. M., Tofhagen, C. S., & Buck, H. G. (2020). Complicated Grief: Risk Factors, Protective Factors, and Interventions. *Journal of Social Work in End-of-Life & Palliative Care*, 16(2), 151-174. <https://doi.org/10.1080/15524256.2020.1745726>
- McGoldrick, M., Walsh, F. (1998). Um tempo para chorar: a morte e o ciclo de vida familiar. In F. Walsh & M. McGoldrick (Eds.). *Morte na Família: sobrevivendo às perdas* (p. 56-75). Artmed.
- Morelli, A. B., & Scorsolini-Comin, F. (2016). Repercussões da morte do filho na dinâmica conjugal de casais religiosos. *Temas em Psicologia*, 24(2), 565-577. <https://doi.org/10.9788/TP2016.2-10>
- Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2013). Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2711-2720. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900026>
- Paris, G. F., Montigny, F. D., & Peloso, S. M. (2016). Fatores associados ao estado de luto após óbito fetal: estudo comparativo entre brasileiras e canadenses. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 50(4), 546-553. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420160000500002>
- Perel, E. (2018). *Sexo no cativo: Como manter a paixão nos relacionamentos*. Objetiva.
- Prado, L. C. (2016). *As múltiplas faces da infidelidade conjugal* (2ª Ed.). Arte em Livros.
- Price, S. K. (2008). Stepping back to gain perspective: Pregnancy loss history, depression, and parenting capacity in the Early Childhood Longitudinal Study, Birth Cohort (ECLS). *Death Studies*, 32(2), 97-122. <https://doi.org/10.1080/07481180701801170>
- Santos, L. R. & Cerqueira-Santos, E. (2016). Infidelidade: uma revisão integrativa de publicações nacionais. *Pensando Famílias*, 20(2), 85-98.
- Scheeren, P., & Wagner, A. (2019). Predizendo a infidelidade conjugal. *Psicologia Clínica*, 31(2), 387-406. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438V0031N02A09>
- Serrano, F., & Lima, M. L. (2006). Recurrent miscarriage: psychological and relational consequences for couples. *Psychology and Psychotherapy*, 79(Pt 4), 585-594. <https://doi.org/10.1348/147608306x96992>
- Shreffler, K. M., Wilson, G., Mitchell, K. S., & Schwerdtfeger, K. L. (2012). Considering planning salience in women's pregnancy intentions. *Journal of Family Planning and Reproductive Health Care*, 38(3), 204. <https://doi.org/10.1136/jfprhc-2011-100280>
- Silva, D. R. (2009). Famílias e situações de luto. In L. C. Osorio & M. E. P. Valle (Eds.). *Manual de Terapia Familiar* (p. 376-398). Artmed.
- Sugiura-Ogasawara, M., Suzuki, S., Ozaki, Y., Katano, K., Suzumori, N., & Kitaori, T. (2013). Frequency of recurrent spontaneous abortion and its influence on further marital relationship and illness: The Okazaki Cohort Study in Japan. *Journal of Obstetrics and Gynaecology Research*, 39(1), 126-131. <https://doi.org/10.1111/j.1447-0756.2012.01973.x>
- Vescovi, G., Silva, F. S. D., Levandowski, D. C., & Costa, C. B. D. (2022). Conjugalidade e parentalidade subsequentes à perda gestacional: revisão sistemática. *Revista da SPAGESP*, 23(1), 159-174. <https://doi.org/10.32467/issn.2175-3628v23n1a13>
- Viegas, T., & Moreira, J. M. (2013). Julgamentos de infidelidade: Um estudo exploratório dos seus determinantes. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 411-418. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300001>
- Walsh, F. (2005). Perda, recuperação e resiliência. In F. Walsh (Ed.). *Fortalecendo a Resiliência Familiar* (p. 165-196). Roca.
- Walsh, F., McGoldrick, M. (1998). A perda e a família: uma perspectiva sistêmica. In F. Walsh & M. McGoldrick (Eds.). *Morte na Família: sobrevivendo às perdas* (p. 27-55). Artmed.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. (2005). *Pragmática da Comunicação Humana*. Cultrix.